

A escuta das crianças como direito fundamental e prática transformadora em educação: entrevista com Adriana Friedmann

The listening of children as a fundamental right and transformative practice in education: an interview with Adriana Friedmann

Rosane Romanini¹

Dinora Tereza Zucchetti²

Resumo: Adriana Friedmann defende a importância da escuta sensível e ética das crianças como um direito fundamental e como uma prática transformadora para a educação e para a sociedade. Ela propõe caminhos que promovem um diálogo verdadeiro, autêntico e comprometido com as diversas formas de expressão infantil. Em sua trajetória de mais de 40 anos dedicados à defesa dos direitos das crianças, incentiva práticas autobiográficas que convidam educadores a revisitar suas infâncias e a criar espaços de reflexão, consolidando-se como essenciais para entender o universo infantil contemporâneo. No âmbito da formação de educadores, a sua experiência demonstra que escutar as crianças nas suas múltiplas linguagens contribui para uma transformação dialógica e emancipadora, qualificando currículos escolares, políticas públicas e relações sociais. Suas pesquisas e reflexões evidenciam que ouvir as crianças é um direito e um caminho para práticas educativas mais justas e inclusivas.

Palavras-chave: Adriana Friedmann; escuta; direito das crianças.

Abstract: Adriana Friedmann defends the importance of sensitive and ethical listening to children as a fundamental right and as a transformative practice for education and society. She proposes ways that promote a true, authentic and committed dialogue with the various forms of child expression. In her over 40 years of history dedicated to the defense of

¹ Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar – OMEP, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

children's rights, she encourages autobiographical practices that invite educators to revisit their childhood and create spaces for reflection, consolidating itself as essential to understand the contemporary children's universe. In the context of educator training, her experience demonstrates that listening to children in their multiple languages contributes to a dialogic and emancipatory transformation, qualifying school curricula, public policies and social relations. Her research and reflections show that listening to children is a right and a path to more just and inclusive educational practices.

Keywords: Adriana Friedmann; Listening; Children's Rights.

Sobre Adriana Friedmann: trajetória e inspiração

Adriana Friedmann é uma das maiores referências no estudo e na defesa dos direitos da infância no Brasil. É pós-doutora pelo Instituto de Artes da UNESP (2023), doutora em Antropologia pela PUC-SP (2011), mestre em Metodologia do Ensino pela UNICAMP (1990) e pedagoga formada pela USP (1983). Sua trajetória acadêmica, profissional e cidadã destaca-se por iniciativas pioneiras na pesquisa com crianças e pela criação de coletivos de educadores que promovem a valorização e a escuta sensível das crianças. Fundadora e coordenadora do NEPSID (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento), do coletivo *A Vez e a Voz das Crianças* e da Comunidade de Aprendizagem Colaborativa Mapa da Infância Brasileira, Adriana tem contribuído de forma significativa para o reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos, enfatizando seu protagonismo em diferentes contextos sociais e educacionais. Atualmente, atua como assessora da COPED na Rede Municipal de Educação Infantil de São Paulo e é idealizadora do curso de pós-graduação lato sensu *A Vez e a Voz das Crianças*.

É autora de diversos livros e artigos que abordam temas como o brincar, as brincadeiras tradicionais, o universo simbólico infantil, a escuta das crianças e as jornadas autobiográficas de professores, entre outros temas, consolidando-se como uma referência essencial para profissionais que trabalham com a infância. Esta entrevista justifica-se pela relevância de seu trabalho de mais de 40 anos na área da infância, com destaque à escuta sensível das crianças, um tema que impacta profundamente as práticas educacionais e sociais. Ao explorar experiências autobiográficas e caminhos de escuta sensível, Adriana Friedmann não apenas fortalece a perspectiva de que ouvir as crianças é um direito fundamental, mas também evidencia que essa prática qualifica o trabalho docente e as maneiras de pensar as infâncias nos espaços públicos.

Entrevistadoras: Nascida no Uruguai e inserida em uma cultura, conforme relata em sua biografia, de influências espanholas e língua castelhana-latino-americana, Adriana bebeu e se alimentou das culturas da música, da poesia, da literatura e dos costumes de onde nasceram suas bases da educação e seus valores. Também teve uma incursão na cultura francesa paralelamente às culturas judaica, russa, húngara e polonesa, através dos costumes, rituais, literatura, paisagens e valores transmitidos por seus avós. A autora considera os momentos de encontros com eles suas válvulas de escape. Aos 17 anos, Adriana começa a se apropriar

da língua portuguesa e três anos mais tarde muda-se para o Brasil, onde relata que teve profundas e significativas mudanças em sua vida. O Brasil é considerado o seu país de alma, ao qual relaciona sua possibilidade de expressar seus pensamentos e sentimentos sobretudo por meio da palavra, algo que lhe era mais restrito, uma vez que o ambiente familiar tinha maior rigidez, pois eram seguidos princípios e valores tradicionais da década de 50. **O que encontrou em nosso país que a levou a dedicar-se por mais de 40 anos às crianças e à defesa de seus direitos?**

Adriana: Venho de uma cultura e de um país — Uruguai — nos quais fui educada e cresci, e, nos anos 60 e 70, período no qual passei minha infância e adolescência, todas as crianças e jovens tinham direito e oportunidade de receber uma educação de qualidade; não existia analfabetismo. Quando cheguei no Brasil em 1980, bem jovem ainda e começando meus estudos universitários na área de Pedagogia, comecei a compreender e conhecer a complexidade da sociedade aqui, a diversidade sociocultural dos seus habitantes, a inequidade existente na educação, a falta de oportunidades para grande parte da população de ter acesso à educação, à saúde e a moradias com condições mínimas de dignidade... Ao ir descobrindo esses cotidianos e as diversas realidades, me coloquei como propósito contribuir, dentro das minhas possibilidades, com a educação e a cultura, sempre com foco nas crianças, nas suas infâncias, nos educadores e nos cuidadores. Naquela época não tinha, é claro, a dimensão do caminho que iria percorrer. Mas quanto mais fui conhecendo escolas diversas, grupos infantis, professores e, mais adiante, inúmeros coletivos que começavam a se juntar em prol da defesa e garantia dos direitos das crianças, mais me convencia da importância desse meu objetivo. Diria que principalmente encontrei aqui a possibilidade, desde muito cedo, de ter acesso a conhecimentos, estudos, práticas; a possibilidade de poder opinar, questionar, dialogar. E autonomia para criar e propor caminhos e projetos que fui desenhando no decorrer da minha trajetória.

Entrevistadoras: A senhora dedicou grande parte da sua vida profissional e pessoal à defesa do brincar das crianças. Em suas pesquisas, que geraram livros e artigos, aprofundou-se sobre a importância das brincadeiras tradicionais e populares e dos repertórios brincantes. Participou do projeto *Mapa do Brincar*, junto à equipe da Folhinha do jornal de São Paulo (2009), que deu visibilidade à riqueza das brincadeiras das crianças brasileiras como um patrimônio lúdico a ser conhecido e preservado. Nesse projeto, realizou uma escuta sensível às crianças de todo o Brasil, que compartilharam suas “andanças brincantes” — um termo que utiliza para se referir às crianças e suas brincadeiras. **Conte-nos um pouco sobre as “andanças brincantes” das crianças brasileiras e sobre como você vê a preservação das brincadeiras tradicionais e populares diante de uma infância cada vez mais hiperconectada às telas que, como consequência, ocasiona a diminuição de um brincar que aciona o corpo e reduz as interações sociais, além de afastar as crianças da natureza?**

Adriana: Na época em que iniciei esta primeira pesquisa das brincadeiras tradicionais – fruto da minha indignação ao começar a trabalhar com crianças pequenas e perceber que com 3 anos de idade não estavam brincando, mas realizando exercícios de coordenação motora fina sentadas em carteiras, com lápis e papel –

eu era muito jovem e uma voz meio solitária na defesa deste patrimônio lúdico imaterial da humanidade. Após a conclusão do meu mestrado, no qual me debrucei nesta pesquisa das brincadeiras tradicionais brasileiras que atravessaram o século XX quando a equipe da Folhinha de São Paulo, na época liderada pela jornalista Gabriela Romeu, me procurou para desenvolvermos a pesquisa Mapa do Brincar, vi uma oportunidade importantíssima de ampliar e atualizar a pesquisa do meu mestrado. O desafio do Mapa do Brincar foi o de mapear as brincadeiras das crianças dos anos 2000 no Brasil, e nada como o alcance de um grande meio de comunicação para podermos conhecer as brincadeiras das crianças a partir das suas próprias vozes e relatos. Naquele momento, não tínhamos o desafio da existência das telas; o desafio era a inserção da indústria de brinquedos e a febre de consumo que tomou as vidas das crianças daquela geração. O que encontramos e aprendemos a partir daquela pesquisa foi que as crianças estavam brincando — e muito — país afora, mas não do jeito que a gente esperava e conhecia, e sim ressignificando aquelas brincadeiras tradicionais que atravessaram gerações e séculos e que, com nomes diversos, vocabulário e conteúdos influenciados pelas mídias e pelas diferentes culturas e contextos locais, nos mostravam o fenômeno da perpetuação dessas brincadeiras de transmissão oral de uma geração para outra e entre pares. Porém, a realidade dos últimos 20 anos aprofundou o desafio de preservar e oferecer tempos e espaços para que as crianças conseguissem brincar de forma espontânea nos grupos, tendo seus corpos como protagonistas.

Vivemos um momento de adoecimento da sociedade, fruto, sem dúvida, da dependência cotidiana das telas e do hipnotismo que estas têm causado na vida de todos nós – crianças, jovens e adultos. Entendo que, para que esta preservação das brincadeiras tradicionais e populares não morra nas vidas das crianças neste momento da humanidade, precisamos de esforço e conscientização coletivos de “remar contra a maré” ao continuar a defender a proibição e diminuição do uso de telas, celulares, tv etc. Mas, para tal, é fundamental que os educadores, pais e cuidadores dediquem seu tempo e esforços para ensinar, transmitir e motivar crianças de todas as idades, contextos, regiões e culturas, incentivando a prática de brincadeiras e jogos que os seres humanos sempre brincaram no decorrer da história e nas tantas geografias deste mundo. Voltar para a natureza, incentivar tempos e espaços de brincar, ruas e locais seguros nas cidades, acampamentos, viagens coletivas, ampliação do tempo do recreio, mais tempo livre, dentre tantas outras possibilidades, continua sendo, no meu entender, a única “tábua de salvação” para a preservação dessas brincadeiras.

Entrevistadoras: No livro “A Vez e a Voz das Crianças: Escutas Antropológicas e Poéticas das Infâncias” (FRIEDMANN, 2020), a senhora inicia pedindo licença às crianças de todos os cantos para adentrar um pouco em seus universos, mencionando que a maioria dos adultos esqueceu que um dia já foi criança. **Poderia nos contar um pouco sobre momentos de sua infância ou de situações que percebia por parte dos adultos com quem convivia envolvendo algum interesse pelas suas manifestações, expressões, opiniões etc. e se esses momentos tiveram algum impacto em suas escolhas e percepções de mundo?**

Adriana: Vivi, na minha infância, momentos extremos: se, por um lado, enquanto filha mais velha de uma família muito conservadora, havia grande expectativa e exigência sobre minha pessoa, desde muito cedo, quanto ao meu desempenho escolar – e assim tinha pouco tempo livre para ser quem eu era —, por outro lado encontrei na convivência com minhas avós, sobretudo com minha avó materna, a aceitação da pessoa que eu era por meio de um amor incondicional graças ao qual eu me sentia “na minha pele” quando estava com ela. Minha infância oscilou entre pressão escolar cotidiana da escola e dos meus pais; brincadeiras escondidas com minha irmã (que era bem próxima de mim); brincadeiras na casa das minhas avós e contato na natureza nos passeios de fim de semana. Vivi também muitos momentos de brincadeiras sozinha: criava meus mundos imaginários, meu faz-de-conta de casinha, era professora, escrevia poesias e diários desde cedo e tive muitas experiências com artes plásticas, música e artes manuais. As férias foram também muito marcantes, pois eram períodos nos quais, com um grupo de mais sete amigos de diversas idades (fruto de três famílias que passamos férias juntos durante muitos anos) com o qual tive a oportunidade de descobrir a liberdade de estar na natureza, de brincar e de jogar durante horas, de criar peças de teatro, dentre tantas outras aventuras.

Na minha pré-adolescência, comecei a frequentar um grupo de crianças da minha idade nos finais de semana, o que foi também um berço para vivenciar brincadeiras, fazer amigos e usufruir dessa liberdade tão ansiada. Foi a partir dessa época que comecei a escrever e a apresentar pecinhas de teatro e atividades lúdicas para crianças mais novas. Olhando para essa fase da minha vida através de uma “lupa”, entendo que o que impactou minhas escolhas foi essa contradição profunda entre o que não fui vista, ou reconhecida ou aceita e muito exigida em contraposição às lufadas de livre brincar e à livre expressão nas brechas que a vida me propiciou. Penso que o que pessoalmente vivi e, sobretudo, a questão que me acompanhava e testemunhava de que “ninguém entendia as crianças” foram os fatores que influenciaram minhas escolhas e percepções de mundo.

Entrevistadoras: No mesmo livro, no capítulo “Memórias e Raízes Multiculturais Infantis: a importância das histórias de vida”, a senhora fala sobre a importância das histórias de vida e das narrativas autobiográficas para conhecer o ser humano e diz que “nunca iremos conhecer e compreender o ser humano nas suas mais profundas emoções, vivências e contradições haja vista a imensa complexidade que somos todos nós” (FRIEDMANN, 2020, p.25). **Conte-nos um pouco sobre sua experiência com trabalhos autobiográficos com professores e como estes trabalhos contribuem para processos mais qualificados de escuta das crianças em espaços escolar.**

Adriana: Quando, em meados dos anos 80, comecei a trabalhar com formação de professores com a temática do brincar, entendi que não adiantaria unicamente transmitir conhecimentos ou informações teóricas sobre a importância do brincar. Iniciando meu mestrado, estava imersa em um ambiente puramente acadêmico, mas, ao trabalhar paralelamente com formação de professores, tomei consciência da importância de propor vivências lúdicas. E assim surgiu a ideia, a partir do meu próprio processo, de começar a trabalhar

com as memórias de infância dos meus alunos-educadores. Até hoje, uma das principais orientações que dou a eles é que nunca proponham vivências ou experiências sem antes terem passado por elas de forma pessoal — no meu caso, este é um dos exercícios permanentes na minha jornada.

As duas primeiras experiências das quais tenho memória com a proposta de lembrar brincadeiras de infância – uma em uma oficina de brincadeiras com um grupo de educadores na época em que criamos o LABRIMP (Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos na Faculdade de Educação da USP) em 1988 e outra com professores de educação infantil, na mesma época – me ensinaram algumas importantes lições que levei vida afora. Por um lado, o quanto nós, seres humanos, temos necessidade de sermos escutados; também, o quanto nos emocionam as memórias de infância, tanto as boas lembranças quanto aquelas mais doloridas, as nossas e as dos outros. Esta escuta e o compartilhamento humanizam as relações nos grupos. Outra importante lição foi compreender que tomamos consciência da relevância do brincar quando lembramos o quanto foi importante para cada um que teve o privilégio de brincar; ou a falta que fez para quem não teve oportunidade de brincar. Trabalhei desta forma com as memórias de brincar durante décadas e essa proposta foi tomando o formato autobiográfico quando criei o curso de pós-graduação “A vez e a voz das crianças”. A partir deste momento, o trabalho autobiográfico começou a ocupar um importantíssimo espaço nos meus cursos e o aprofundamento e o tempo para este voltar-se para as memórias individuais. Compartilhar as histórias nos grupos - além do estudo de pensadores sobre a importância dessas memórias de infância – tornou-se a motivação e a principal bússola de todas as pesquisas com crianças desenvolvidas pelos meus alunos-educadores: (re)conhecer e escutar nossa própria infância para abrir-se à escuta das vozes e das expressões infantis. Acredito e sou testemunha, depois de ter ouvido centenas de relatos de infância e autobiografias, que, definitivamente, este é o primeiro passo certo para sensibilizar e conscientizar os adultos sobre a importância de escutar e observar as crianças com quem trabalham: abrir espaços dentro de cada um de nós para abrir caminho fora junto às crianças com quem cada um convive.

Entrevistadoras: Ainda sobre o livro “A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias” (FRIEDMANN, 2020), no capítulo “A arte de escutar e observar crianças” (p.114), a senhora destaca o conceito de “olhares antropológicos” e desenvolve uma possível antropologia das crianças como a elaboração da ideia de um sistema semântico, da construção de algum tipo de eixo de noções analíticas de formas de pensar aplicáveis para as crianças, como o pensamento mágico, a análise das falas das crianças, dos desenhos etc. **Que pistas-caminhos pode nos dar para que, no trabalho em seu cotidiano, um professor possa integrar uma verdadeira escuta das crianças (como elas se expressam por meio da palavra, do corpo, dos gestos, dos desenhos, das artes, do brincar etc.), a partir das contribuições da antropologia das crianças?**

Adriana: Entendo que todas as artes – enquanto linguagens expressivas –, assim como o brincar, os comportamentos e o jeito de ser de cada criança são os mais importantes indícios que professores, cuidadores, adultos e pais temos para aprendermos das vidas, realidades, sentimentos e pensamentos das

crianças. A observação, o conhecimento e a escuta do que as crianças expressam, produzem e narram – verbal e não verbalmente – praticamente o tempo todo são o “mapa do tesouro”. O desafio maior é nós, adultos, silenciarmos, acolhermos, nos conectarmos com nossas impressões, sensações e pensamentos, sem perguntar, sem avaliar, sem criticar. Um professor compreender e aprender sobre o ofício do antropólogo – que mais tem a ver com aprender e menos com ensinar – é o maior desafio para integrar esta postura pesquisadora junto às crianças e a partir delas, pois fazer antropologia é talvez a atitude oposta a transmitir, ensinar ou orientar crianças. Assim, o exercício de uma observação e de escutas sensíveis e profundas requer grande transformação de tudo o que aprendemos no ofício de professores. Importante dizer, porém, que, embora a mudança ética e metodológica seja grande, estas duas atitudes – ensinar e aprender - podem conviver no mesmo ser humano. Mais ainda: precisam conviver se quisermos realmente compreender as crianças e suas vidas e nos questionar sobre o que fazer com aquilo que elas expressam cotidianamente.

Entrevistadoras: No encaminhamento da finalização de seu livro, a senhora faz vários apontamentos sobre os desafios dos profissionais da educação, considerando a situação da infância. Entre eles, volta a falar sobre a necessidade de um processo de autoconhecimento, desenvolvimento e atualização permanente, de estabelecer uma contínua dialética entre imagens internas das crianças e as imagens que recebem do mundo a sua volta, conhecer a complexidade das crianças e suas individualidades, escutando-as e observando-as permanentemente. Aponta, também, para a criação de espaços flexíveis. Assim, alerta sobre a complexidade da participação infantil, que exige propostas para que as crianças atuem ativamente nas temáticas que lhes dizem respeito, reconhecendo-as como sujeito-cidadão. Dentre os desafios, diz ainda que “não é possível garantir infâncias mais felizes para as crianças, mas, talvez, possibilitar infâncias vividas de forma mais significativa” (FRIEDMANN, 2020, p.175). **A partir de suas experiências de escuta de crianças e dos processos formativos de professores, que pistas podemos nos dar para que iniciemos um processo de escuta das crianças nas escolas?**

Adriana: Pensando especificamente nos espaços e tempos escolares, vejo que, além de ser necessário um processo permanente junto aos professores de estudo, escuta e orientação, o lugar dentro da escola a ser priorizado para iniciar processos de escuta e observação das crianças deve ser o espaço do recreio e dos tempos livres. Por quê? Porque um olhar antropológico tem como premissa a autenticidade, as expressões livres e autônomas, sejam dos corpos, das falas, das escolhas, das brincadeiras, dos comportamentos, dos gestos, dos silêncios etc. E quando esse tipo de manifestação tem lugar na escola? Quando professores ou outros adultos não estão ensinando, direcionando, orientando, corrigindo ou avaliando. Justamente, nos “entre tempos e entre lugares” em que as crianças circulam, interagem, reagem e se expressam, ou seja, são elas mesmas e estão inteiras do jeito que cada uma é, apontando-nos seus interesses, necessidades e potenciais.

Entrevistadoras: Poderias trazer alguns exemplos concretos de escolas que criaram metodologias de escuta das crianças, e que efeitos produziram em seu cotidiano e na vida das crianças?

Adriana: Importante frisar que a abordagem da escuta é bastante recente: os primeiros estudos e conceitos da Antropologia e Sociologia da Infância surgiram nos anos 80 no mundo e a partir dos anos 2005 aqui no Brasil com mais impacto, assim como as primeiras pesquisas e processos de escuta de crianças, com mais força e alcance nos últimos 10 anos em que o tema e as vozes e expressões infantis começaram a se espalhar a partir de cursos de formação, desenvolvimento das pesquisas e publicações. O diálogo desta área de conhecimento com outras áreas de atuação e estudo, como a Educação formal e não formal, a Psicologia, Arquitetura e Urbanismo, Saúde, áreas sociais, de direitos e de políticas públicas, faz com que estejamos ainda desafiados quanto à real implementação de metodologias de escuta. Assim sendo, podemos citar exemplos de iniciativas que vêm realizando experiências e abrindo estes processos: entre 2005 e 2018 foram desenvolvidas as primeiras pesquisas e processos formativos, sempre em parceria com diversas organizações, como Aliança pela Infância, Folhinha de São Paulo, Fundação Bernard Van Leer, Sesc, dentre outras. Chamaria de primeiros ensaios e incursões junto a crianças de diversos contextos escolares e não escolares socioculturais. Em 2015, iniciamos diversos cursos e grupos de estudo de formação de adultos para se apropriarem das bases dos processos de escuta e pesquisa com crianças, tanto no âmbito de pós-graduação quanto de cursos livres que se perpetuam até hoje, oferecendo também assessorias para escolas e outras organizações. O resultado destas formações e o processo desenvolvido no decorrer delas resultaram em inúmeras experiências de escuta em diferentes espaços escolares.

Em 2021, época da pandemia, o coletivo *A vez e a voz* desenvolveu uma pesquisa junto a 243 crianças pelo Brasil para ouvi-las sobre o que estavam vivendo naquele momento tão peculiar que a humanidade estava atravessando. Os resultados foram surpreendentes: mesmo estando fora da escola e isoladas, as crianças muito estavam brincando, aprendendo, descobrindo e expressando. Em 2022, desenvolvemos pesquisas com crianças acolhidas em centros de acolhimento junto às Aldeias Infantis. Esses processos apontaram, a partir das expressões verbais e não verbais das crianças, o quanto seus direitos estavam sendo respeitados e estes resultados vêm impactando as dinâmicas e os cotidianos em unidades das cinco regiões do país. Os resultados dessas pesquisas específicas levaram conscientização às escolas frequentadas por estas crianças sobre a importância de conhecer o que elas vivem nestes centros de acolhimento pois todas frequentam escolas. Em 2023, desenvolvemos também um processo formativo junto a educadoras de Educação Infantil de Novo Hamburgo que resultou em inúmeras pesquisas com crianças, abriu novas possibilidades e transformou a postura de educadores e instituições com relação à temática.

Em 2023, desenvolvemos processo de escuta de 170 crianças em cinco diferentes territórios da cidade de São Paulo para conhecer, nessa grande diversidade, o que elas estão pensando, vivendo e sentindo sobre suas vidas. Temas como medo, violência, preocupação com o clima e meio ambiente, ausência dos pais, presença importante de avós e falta de tempo para brincar foram alguns dos temas que apareceram dentre os mais importantes.

A partir de 2024 e tendo continuidade em 2025, prestamos assessoria para as equipes gestoras e coordenadores pedagógicos do município de São Paulo na Rede Municipal de Educação Infantil – CEIs e EMEIs – desenvolvendo processos de pesquisa pilotos em todas as Regiões da cidade, formando também gestores e professores. Inúmeras experiências ainda não divulgadas vêm trazendo novas perspectivas para a atuação dos professores, os programas curriculares e as reflexões sobre a importância do que se observa e o que será feito com o que as crianças estão trazendo. O que podemos dizer neste momento é que os processos de escuta e observação de crianças desenvolvidos nos últimos anos começam a ampliar e aprofundar o conhecimento dos diversos grupos infantis e criar um movimento de reflexões sobre as realidades que as crianças vêm apontando, trazendo consigo o questionamento da importância de repensar caminhos e propostas para a atual geração de crianças.

Entrevistadoras: No curso de Pós-Graduação Lato Sensu n'A Casa Tombada, oferecido pelo polo da Faculdade de Conchas FACCONET (2017 a 2024), que tem o mesmo nome de seu livro "A vez e a voz das crianças", suas alunas mergulharam em uma escuta atenta e profunda das crianças em diversos territórios, contextos e culturas, revelando mundos surpreendentemente desconhecidos. As inquietações das alunas pesquisadoras resultaram em narrativas poéticas dos bebês, descobertas das crianças, expressões corporais e gestuais e movimentos, além das mensagens inseridas em suas brincadeiras e produções artísticas e criativas. **Essas produções representam um avanço histórico nas possibilidades e necessidades de os adultos se abrirem à escuta das crianças de maneira antropológica, cuidadosa e ética, num contraponto ao adultocentrismo expressivo em nossa sociedade. Como a senhora avalia o impacto desses trabalhos de conclusão de curso na formação das alunas e na sensibilização dos adultos para a importância da escuta das crianças?**

Adriana: Desde que meus alunos e alunas do curso de pós-graduação e de outros cursos livres sobre este tema começaram a desenvolver suas pesquisas em 2015, compreendi que estávamos diante de um importante avanço na produção de conhecimentos na área da infância: estávamos – e estamos – testemunhando e abrindo espaços para as expressões infantis, dando ênfase e colocando luz sobre a importância das diversas formas de ser e estar no mundo das crianças de tantos e diversos grupos infantis. Foi assim que considerei importantíssimo democratizar esses conhecimentos e, a partir das primeiras pesquisas com crianças, convidei aqueles e aquelas que tivessem interesse a transformar seus trabalhos de conclusão de curso em artigos — estes fazem parte já de dois livros. Uma das questões mais importantes tem sido mostrar a relevância de encontrar caminhos éticos e as inúmeras possibilidades para a realização dessas escutas.

Outro ponto que acho importante ressaltar é o do impacto que têm tido esses artigos junto a inúmeros professores que têm acesso a essas publicações e podem perceber que seus pares conseguiram se abrir para o (re)conhecimento das crianças a partir das suas expressões e narrativas: acontecem a identificação, a

sensibilização e a possibilidade de se abrirem caminhos de esperança e urgência para que qualquer professor-educador-cuidador possa fazer a diferença na vida das crianças com quem tem contato.

Entrevistadoras: Um dos livros já lançados se chama “Abrir-se a escuta das vozes infantis”, que tem como objetivo promover esta escuta no âmbito escolar desde os bebês, com suas manifestações e expressões diversas, singulares e não verbais, confirmando que eles têm o que dizer e a ensinar desde muito pequenos. **Quais as dificuldades encontradas no território escolar para a escuta das crianças quando você alerta que para escutar as crianças é preciso que professores sejam escutados?**

Adriana: Penso que a principal dificuldade esbarra na resistência e na insegurança pelo tipo de formação que os professores recebem. Estes, ao chegar no território escolar, carecem de bases e orientações voltadas à importância de escutar e observar crianças quanto à diversidade, às singularidades, aos perfis diversos e às origens culturais. Nesse sentido, é urgente realizar um processo de formação continuada junto às equipes gestoras e docentes de cada escola, não somente no que diz respeito à formação conceitual, mas, sobretudo, na criação e orientação de processos de pesquisas com crianças. Faz-se fundamental mostrar para os educadores que, mesmo sem eles terem consciência, muita coisa está acontecendo quando pensamos que nada está acontecendo com as crianças de todas as idades. E é disso que se trata esta abordagem: chegar na compreensão dessas expressões e desses dizeres que para cada criança, grupo e território são únicos. A necessidade de conhecer essas manifestações tem a ver com compreender o que esta geração está vivendo e, para tanto, é necessário mudar e transformar a consciência e a postura dos adultos que têm as crianças sob seus cuidados nos diferentes espaços cotidianos. Pela minha experiência, não conseguimos mudanças efetivas se não começarmos por escutar e conhecer as infâncias desses adultos, pois a possibilidade de revisitar cada um a sua história, a sua biografia e a sua infância, é a chave para a sensibilização e para a mudança desses adultos quanto a como encaram seus papéis de educadores.

Entrevistadoras: O que vamos encontrar no livro “Infâncias e Saberes das Crianças – escutas antropológicas”, que será lançado este ano?

Adriana: Alguns dos temas das pesquisas do livro: o lugar do arte-educador que trabalha com as crianças e vive sua infância junto delas; as memórias das infâncias de adultos que atravessam os seres humanos quando crescem e que são tão essenciais para abrirem-se às vidas infantis; o olhar poético sobre os cotidianos das crianças na escola pública na escrita de uma carta de uma professora a um poeta; a convivência entre crianças negras e brancas no espaço do livre brincar de um quintal; as interações entre crianças pequenas em uma escola municipal de Educação Infantil; como as crianças estão na natureza e, ao mesmo tempo, são natureza, a questão da ética, algo essencial e estruturante, que diz respeito também ao sentir, ao bom senso e ao cuidado do pesquisador; adentrar as casinhas das crianças; crianças que vivem em centros de acolhimento para conhecer seus brincar mais íntimos; o (re)conhecimento das realidades de crianças de uma ocupação e como moram as crianças nas margens de uma estrada da Bahia.

Entrevistadoras: A partir dessas experiências a nível de pós-graduação, e quanto a muitos professores realizarem exitosas e sensíveis escutas das crianças, você consideraria a inserção de temas sobre escuta das crianças e da participação infantil nos cursos de pedagogia como um caminho promissor para a construção da cidadania ativa desde a Educação Infantil? Como se daria esse processo na sua concepção?

Adriana: Entendo ser imprescindível rever e atualizar os cursos de pedagogia com relação ao tema da escuta e da observação de crianças além de inúmeros outros conteúdos que precisam urgentemente passar a fazer parte da formação básica de professores, como: linguagens expressivas, lúdicas e artísticas, ética, postura docente, histórias das infâncias, antropologia da infância, arquitetura e urbanismo, saúde mental, políticas, legislação e direitos para as infâncias, dentre outras. Penso que a criação de disciplinas teórico-práticas que incluam experiências de escuta em estágios e a formação e introdução a pesquisas com crianças é aconselhável para este grau de ensino em todos os cursos de Pedagogia.

Entrevistadoras: Toda a sua produção acadêmica e como ativista na defesa das crianças quanto a serem escutadas em sua diversidade de manifestações, isto é, de dizer a sua palavra, muito se aproxima e nos faz lembrar de nosso patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Seus pressupostos de um diálogo horizontal e de uma epistemologia emancipatória têm o princípio de que todos os sujeitos têm o direito de dizer a sua palavra. Em sua obra “Pedagogia da Autonomia” (FREIRE, 1996), Paulo Freire nos assegura que diálogo e escuta são saberes necessários a uma prática social educativa emancipatória. **A senhora teve alguma influência de Paulo Freire em sua trajetória?**

Adriana: Entendo que a vida é feita de escolhas, sincronidades e oportunidades. Aos 16 anos, antes mesmo de imaginar que iria morar no Brasil e estudar pedagogia, um querido amigo me mandou um livro que iria revolucionar meu pensamento e meu caminho: “Pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire. Assim, desde muito cedo e além-fronteiras, tomei contato com nosso grande mestre, sem ter, até aquele momento, consciência da sua importância para a educação. No curso de Pedagogia propriamente dito, ele não era muito referenciado naquela época, mas, nas minhas andanças fora da academia, acabei tomando contato com toda a obra dele. Certamente, ele teve – e continua tendo – grande incidência no meu pensamento. Talvez a mais importante tenha sido a de me surpreender e descobrir a possibilidade da liberdade e da autonomia dos seres humanos de pensar, aprender e se expressar a partir da própria experiência. A cada página, me identificava profundamente com seu pensamento, suas ideias e seus ideais. Tive a oportunidade e o privilégio de fazer parceria com a equipe do Instituto Paulo Freire, especificamente com o professor Moacir Gadotti, com quem levei as ideias que Paulo Freire cunhou sobre a importância dos processos de diálogo e escuta na educação. Trabalhamos em muitos momentos em parceria em processos formativos, especialmente junto às equipes do Sesc. Mergulhei também de forma mais profunda em algumas biografias escritas sobre Paulo Freire que referendaram a ideia que defendo no meu último livro, “Jornadas Autobiográficas” (FRIEDMANN, 2023),

sobre a importância do período da infância e dos indícios que aparecem e que apontam para o caminho e a potência de cada ser humano. A biografia de Paulo Freire e o valor que ele sempre deu às histórias de vida de cada ser humano e como, a partir delas, se escrevem e ressignificam as vidas de cada um, dialoga com as propostas que fui desenhando no âmbito da antropologia e da educação.

Entrevistadoras: Gostaria de dirigir algumas palavras às crianças?

Adriana: Às crianças a quem possam chegar minhas palavras e meus movimentos na defesa dos seus direitos de serem crianças e viverem suas infâncias de forma plena: quero dizer a vocês que há 65 anos, desde quando nasci, venho trilhando caminhos que certamente são bastante parecidos com os de vocês. Ou talvez muito diferentes... Vocês haverão de me contar um dia, talvez? Sou de uma época em que se brincava muito e de forma muito livre, mas que, ao mesmo tempo, nós, crianças, éramos muito controladas e exigidas. Posso dizer a vocês que brinquei muito, muito sozinha, com meus irmãos, com meus primos, com meus amigos nas férias ou aos finais de semana. Muito, muito pouco na escola onde ficava o dia inteiro e onde exigiram muito estudo da minha parte. Tenho lembranças de ter brincado muito na casa das minhas avós – vestir suas roupas, jogos de baralho, fazer palavras cruzadas e brincar de casinha com minhas bonecas preferidas. Tive oportunidade de ter aulas de artes, argila e música. Quando adolescente, me juntei com mais três amigas e começamos a escrever e apresentar curtas peças de teatro para crianças pequenas.

Brincar era, para mim, um tempo de ser eu e me sentir livre, sem precisar pensar no tempo do relógio que já me pressionava durante o período escolar. Tive algumas boas amigas e amigos com quem ainda hoje estou em contato, com quem trocava confidências e tive muitos momentos especiais. Era insegura e medrosa, calada e tímida. Mas encontrei muitas formas de me expressar, mesmo que meus pais não percebessem naquela época. Cresci sempre rodeada de crianças mais novas e desde cedo dediquei minha vida ao meu trabalho de professora – primeiro com crianças pequenas e mais adiante com professores e outros adultos cuidadores – no sentido de levar a eles a mensagem da importância de deixar as crianças brincarem, brincarem, brincarem. E, mais tarde, com mais convicção ainda, todo o meu trabalho se voltou a mostrar o quanto vocês, crianças, vivem, pensam e sentem, independentemente de os adultos olharem e escutarem o que vocês, permanentemente, expressam. Cada vez com mais força e chegando em muitos adultos, fui dialogando com muitos professores a esse respeito. E eles foram se abrindo para escutar vocês em muitos espaços, escolas, ruas, praças, nas famílias. E de muitas formas.

Acreditem que este meu movimento está potente pois somos cada vez mais adultos sensíveis e atentos ao que vocês estão vivendo. Preocupados com as ondas tecnológicas e com um grande movimento que vem na contramão querendo encher vocês de conteúdos, de atividades, de brinquedos, de telas; querendo o tempo inteiro definir e dizer, do alto dos seus “tamancos adultocêntricos”, o que eles pensam ser melhor para vocês, crianças. Mas sei e confio que vocês têm muito, tanto a nos ensinar e esclarecer sobre seus interesses e necessidades. E saibam que eu aprendo sempre com vocês, pelo que observo e escuto diretamente ou através

de muitos professores atentos e sensíveis a vocês. E ainda mais, neste momento da minha vida, aos meus 65 anos de idade, a vida me presenteou com pílulas cotidianas de amor junto às minhas netas de dois e três anos. É um presente, um privilégio, uma renovação e um esperar sem fim.

Desejo que vocês tenham avôs e avós por perto, pois eles, muito além de ensinar-lhes quaisquer coisas, vão certamente acolher e aceitar vocês do jeito que vocês são. E vocês vão usufruir de presenças presentes e amorosas e junto a eles ouvir muitas histórias, viajar na imaginação e compartilhar todo tipo de segredo e convivência. Brincar um montão! Saibam que nessa comunhão com seus avós e alguns professores-escutadores vocês ganham infâncias e suas mães e pais têm também a possibilidade de descobrir e conviver com lampejos de infâncias, tempos e espaços de vida, muita vida!

Brinquem, dancem, cantem, pintem, escrevam, sonhem, toquem algum instrumento, desenhem suas vidas de mil jeitos possíveis que descobrirem. Aproveitem a natureza e os adultos a sua volta. Descubram, deem-se o direito de serem pesquisadores e criadores e de compartilharem com seus pares, seus amigos reais e imaginários, seus gostos, emoções, sentimentos, pensamentos e tudo mais. E obrigada por vocês serem fonte de amor e inspiração para nós, adultos, que tanto fazemos para vocês, por vocês e, a cada vez mais, com vocês.

Entrevistadoras: Há algo mais que gostaria de dizer antes de concluirmos esta entrevista?

Adriana: Há muito por desvendar sobre as vidas infantis, muito por criar, construir e transformar para esta abertura à escuta e ao conhecimento das nossas crianças; universos multiculturais a descobrir, acolher e colocar luz com as crianças como nossas mestras, em prol e na possibilidade de uma jornada de mudanças fundantes e significativas nas nossas sociedades. Agradeço a oportunidade desta entrevista que me possibilitou revisitar novas camadas de memória, minha infância, diálogos e reflexões.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças:** escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

FRIEDMANN, Adriana (org.) **Abrir-se à escuta e vozes infantis.** São Paulo: Phorte Editora, 2023.

FRIEDMANN, Adriana. **Jornadas autobiográficas:** narrativas e memórias para a formação do educador. São Paulo: Editora Panda Educação, 2023.

Submetido: 11/02/2025

Aceito: 15/10/2025